



ESTADO DE SERGIPE  
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA  
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO  
RECORTE DE JORNAIS

JORNAL DA CIDADE

ARACAJU, SÁBADO, 7 DE SETEMBRO DE 2013

GETIMANA

# Mulher denuncia militar por tortura

Uma doméstica piauiense de 27 anos que está em Aracaju há apenas quatro meses denunciou que foi torturada e sequestrada por um sargento da Polícia Militar. O fato ocorreu na noite do último domingo, 1º, no Bairro Getimana. À paisana, o policial teria colocado ela um táxi e ter feito as agressões, como também, utilizando uma arma de fogo ameaçou matá-la. A mulher tem marcas nos braços e nos joelhos. O policial a acusou de participar junto com quatro homens de um roubo de motocicleta.

Segundo ela, na noite do domingo se encontrava sentada na calçada de uma mercearia no Bairro Getimana, ao lado de algumas adolescentes, quando um táxi se aproximou com quatro passageiros, entre eles duas mulheres, e o suposto policial já desceu com uma arma de fogo em mãos apontando para doméstica. "Eu estava sentada na calçada e esse homem já desceu dizendo para não correr, já apontando a arma para minha cabeça. Já foi logo me enforcando, colocando uma arma", relatou.

Após render a doméstica, o provável sargento a colocou no

banco traseiro do táxi e depois pôs um pano na cabeça dela. "Já foi logo me espancando, me batendo todo tempo, e mandando dar conta de uma moto e de uns rapazes que fizeram um assalto. Botava (sic) a arma na minha cabeça, na minha boca e no meu ouvido dizendo que ia me executar", lembrou ela, dizendo não tem ideia de quanto tempo ficou dentro do veículo.

Segundo ela, nas imediações do Bairro Lamarão, o policial mandou parar o táxi e desceu quando se aproximou de outro indivíduo, que teria mandado o sargento executar a doméstica. "Desce ela aí e a gente executa ela aqui mesmo", teria dito o homem. A vítima disse que enquanto eles conversavam do lado de fora do táxi, ela ficou dentro do carro com uma das mulheres. Rapidamente, ela conseguiu levantar um pouco o pano que cobria a cabeça dela e, por sorte, percebeu as luzes do giroflex de uma viatura da Polícia Militar. Em um gesto arriscado ela começou a gritar por socorro e os policiais militares foram ao encontro.

"Aqui é uma vagabunda que estava fazendo um assalto com uns caras e eu peguei ela", teria

dito o sargento aos colegas de farda, segundo relato da doméstica. "Me espancaram muito e disseram que se eu não confessasse, eu ia morrer. E então falei onde estavam os rapazes", disse ela, ressaltando que as agressões foram antes da chegada da viatura da PM.

Para garantir a integridade física, a doméstica pensou rapidamente e disse aos policiais onde poderiam estar os tais elementos que roubaram a motocicleta e pediu aos militares que a colocassem na viatura. "Levei a polícia até onde eu moro, na casa do meu tio, para que ele me visse e seguisse o carro porque poderia acontecer alguma coisa comigo. Ele seria testemunha do que pudesse acontecer comigo", lembrou.

Ao chegar na casa do tio, familiares e vizinhos iniciaram uma breve discussão com o suposto sargento e pediram aos policiais militares que a levassem até a Delegacia Plantonista. "Se tem alguma coisa para resolver vamos para delegacia", repetia um dos familiares, recordou a doméstica. Na Deplan, ela disse que mesmo não tendo provas de sua participação no assalto, foi tratada como

bandida. "Fiquei algemada em uma cadeira", informou.

A doméstica informou que as câmeras de segurança da mercearia podem ter registrado a ação truculenta do sargento. Ela contou que tem tomado medicamentos para reduzir as dores e hematomas no corpo. Na última quinta-feira, 5, ela fez exame de corpo delito no Instituto Médico Legal (IML) e já protocolou denúncia junto ao promotor de Justiça, Jarbas Adelino, do Controle Externo da Atividade Policial do **Ministério Público Estadual**.

Piauiense de Picos que chegou em Aracaju em busca de uma vida melhor, a doméstica disse que por temer pela vida, deverá retornar para a terra natal. "Quero morar aqui mais não. Estou traumatizada e com medo", finalizou.

**PM**

O assessor de comunicação da PM, tenente-coronel Paulo Paiva, informou que a denúncia não tinha chegado ao comando, mas reprovou de imediato a atitude do provável policial. "A polícia tem outros métodos de investigação e não o método de tortura", disse.